

# Comentários e Informações

## AS PUBLICAÇÕES MILITARES VISTAS COMO DESAFIO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE INTEGRADA E SOLIDÁRIA

*Luiz Eugênio Duarte Peixoto\**

*A essência da guerra revela-se,  
não somente numa batalha verdadeira, mas  
também num período em que  
se aceita a eventualidade de uma guerra  
ou que a paz não é uma certeza.*  
Hobbes

*A paz é uma interrupção da guerra,  
e não a guerra uma interrupção  
do estado de paz.*  
Jacqueline de Romilly

O objetivo dessa exposição não é falar sobre guerra mas de publicações militares. Todavia o que é essencialmente, uma publicação militar se não um instrumento de ensino para a guerra? Quando é que o militar se prepara para a guerra, senão nos momentos de paz? Quem é que sofre com a guerra, senão as sociedades civis e militares? Podemos separar essas sociedades? O que são elas?

Segundo Rousseau, escritor e filósofo, a sociedade está dividida em civil e po-

lítica. A sociedade civil é a mesma sociedade natural de Hobbes. Hoje, a sociedade civil é representada como o terreno dos conflitos econômicos, ideológicos, sociais e religiosos que o Estado tem a seu cargo resolver, intervindo como mediador ou suprimindo-os. Hoje, ela é tida como a base da qual partem as solicitações a que o sistema político está chamado a responder, como o campo das várias formas de mobilização, de associação e de organização das forças sociais que impelem à conquista do poder.

E o que é sociedade militar? Ela existe?

Pensamos existir, na verdade, uma comunidade militar que está inclusa, como não podia deixar de ser, na sociedade civil. Essa comunidade requer algo mais para sobreviver, ou mesmo viver, num ambiente mais difícil, envolvendo seus familiares e, mesmo, uma parcela da sociedade que gravita em função de sua existência. Como exemplo, temos as bases e vilas militares onde essas características mais se evidenciam. Sempre existiram e sempre existirão, pois os fenômenos guerra e paz são coordenadas da curva de evolução das civilizações. Foi pela guerra que pereceram civilizações e, também, foi através dela que se projetaram.

O estudo da História Militar pode proporcionar uma valiosa visão do problema.

\* Coronel de Engenharia. Diretor da Biblioteca do Exército.

A perspectiva histórica conduz ao senso de equilíbrio, encoraja a visão de longo alcance e contribui para a conscientização de que a vida transcorre segundo um processo de mudança contínuo, ajudando, dessa forma, a contrabalançar o excessivo otimismo, ou o excessivo pessimismo, em relação aos acontecimentos correntes. Mais ainda, ajuda a reavaliar os valores utilizados para pesar os feitos, os métodos e as decisões. Protegido do calor e das paixões dos argumentos partidários, pode-se, por exemplo, compreender algumas das vantagens e das dificuldades da subordinação das forças militares a uma direção civil.

O estudo de História contribui, no processo global intelectual, para chegar-se a um julgamento abalizado. Melhor do que testar hipóteses em busca de tendências futuras, ela trabalha com causa e efeito de fatos. Uma atenta leitura da História Militar pode auxiliar o desenvolvimento do que Lidell Hart denominou abordagem científica, embora se questione ser possível aprender estratégia em livros-textos, da mesma forma como se adquirem conhecimentos acadêmicos. Ao longo dos tempos, a evolução da arte militar e das instruções castrenses sempre se fez sentir na vida das civilizações. Apesar de o momento parecer inadequado, diante da propalada inutilidade dos exércitos, da generalizada abolição do serviço militar obrigatório e do desaparecimento da noção de pátria, em função de a guerra ter sido, ilusoriamente, proscrita pelos organismos internacionais e a implantação da chamada Nova Ordem Mundial, a História Militar escapou à condenação de limitar a história das instituições armadas e a nobre profis-

são de soldado. O seu estudo apresenta tanto valor educacional quanto utilitário.

Permite apreciar a guerra como um todo e relacionar suas atividades em períodos de paz, dos quais irrompe e aos quais, inevitavelmente, retorna. Ela ajuda a desenvolver um modo de pensar profissional, ou seja, uma atitude mental. No campo de liderança, mostra a grande importância do caráter e da integridade. Estudada em profundidade, permite ver a guerra, segundo a decantada expressão de Clausewitz, *como um camaleão, um fenômeno que alimenta e suga a sociedade que a provoca*. Assim, assumiu maior importância, participou do contexto histórico dos povos, ultrapassou os umbrais dos estabelecimentos de ensino militar, penetrou nas universidades dos países desenvolvidos e despertou o interesse tanto dos meios acadêmicos quanto das classes armadas.

No início do século XX, a opinião pública mostrava-se desinteressada pela História Militar, exceto a da Alemanha, vitoriosa em 1870, e a da França, animada por um espírito revanchista.

Apesar de a Primeira Guerra Mundial ter suscitado a publicação de inúmeras obras - biografias, memórias e estudos de inegável valor - as pesquisas de História Militar nas universidades foram raras, comparadas com certa repulsão ao holocausto de 1914-18, dando margem ao surgimento de um espírito antimilitarista ou pacifista, sendo o estudo da guerra quase banido dos programas universitários. No Brasil, embora já constasse dos currículos de ensino militar na primeira metade do século XIX, o interesse pelo seu conhecimento só foi despertado, com o advento da Missão Militar Francesa, após a Primeira

Guerra Mundial. Na União Soviética e nos países do Leste Europeu, ela foi estimulada como meio de propaganda. Nos países anglo-saxônicos, diante da desmoralização e das campanhas contra o serviço militar obrigatório, os interesses se concentraram nos efeitos da guerra sobre as populações. Apenas a sociologia e a psicologia deram mais atenção ao fenômeno guerra, aparecendo as figuras de Janowitz, nos Estados Unidos, e Gaston Bouthoul, na França.

Após 1917, a guerra tomou outra feição, sob a influência de Lenin, Mao Tsé-tung e Che Guevara, não fazendo distinção entre civis e militares, ou entre tempos de guerra e de paz, enfatizando a subversão, a resistência e o terrorismo. Tal transformação levou os pensadores a se interessarem pelo estudo de uma nova modalidade, a revolucionária, em seus aspectos sociais, morais, estruturais e não conjunturais.

De um modo geral, a História Militar não recebeu a merecida atenção. Nas academias e institutos de altos estudos militares, o seu ensino e aprendizagem ficaram limitados a apresentações de casos históricos sem maior profundidade, na introdução de certas unidades didáticas para despertar a motivação dos discípulos. Os militares estão pagando elevado preço, por haverem negligenciado o seu estudo na formação dos seus quadros de oficiais de estado-maior, e sentem a necessidade de rever os currículos de diversos cursos, acrescentando-lhes a carga horária que tão importante disciplina reclama.

Nas últimas décadas do século XX e do milênio, constata-se, em todo o chamado Primeiro Mundo, um despertar generalizado nas escolas militares para o estudo da História Militar, experimentando os cursos de pós-

graduação, nesse ramo da História, crescente demanda, particularmente, por civis.

Na realidade, as coisas não foram assim tão fáceis. Os encontros entre militares e universitários viram-se marcados por uma certa incompreensão. A história dos militares afigurava-se aos soldados como um complemento útil, porém secundário à História Militar. Nas universidades, por outro lado, os pesquisadores não se arriscavam a incursionar fora da história social das Forças Armadas, para abordar o seu aspecto capital ligado à finalidade das instituições militares, que é o estudo da guerra.

Todos lucraram, no final. Os militares fizeram com que os universitários compreendessem a especificidade da psicologia dos combatentes, enquanto que os acadêmicos lhes transmitiram sua grande problemática e os seus métodos de pesquisa. O resultado dessa troca de experiência redundou no progressivo desenvolvimento da História Militar que, pouco a pouco, incorporou aspectos da História Geral.

Do entendimento desses conceitos e de sua evolução, diferenciamos o das publicações militares, que não é, apenas o estudo da tática, mas principalmente o da arte da guerra, sua história e evolução.

Quando, em 1937, a Biblioteca do Exército foi transformada em editora, foi norteadada por esses princípios, ou seja, de preparar os militares brasileiros, para que, conhecendo a História Militar e a tática moderna, conseguissem um entrosamento perfeito entre as mesmas. No campo da tática, o Estado-Maior do Exército e o Comando de Operações Terrestres se encarregam dos regulamentos e das doutrinas e os aplicam nas escolas militares, enquanto a Biblioteca do Exército Editora programa seus edi-

toriais com ênfase para a história militar e política, para a estratégia, para geopolítica e biografias de chefes militares. Publicamos obras de autores nacionais e estrangeiros como: Carlos de Meira Mattos, Therezinha de Castro, John Keegan, Ardant Du Picq, Jay Luvaas, Peter Paret e tantos outros. Poderíamos ser somente usuários de um mercado existente que é globalizado, mas as editoras brasileiras não se voltaram para ele e, como tal, nos tornamos pioneiros no País. Atendemos não somente aos militares mas também à sociedade civil, que vem despertando para este assunto. Cremos, assim, que estamos participando ativamente dessa integração. Hoje, fazemos parte de uma rede de livrarias em todo o País, onde a procura ainda é acanhada, mas vem crescendo, o que mostra a existência dessa integração, do interesse nesse campo, da busca do conhecimento dos assuntos militares, da história, do pensamento militar através dos tempos, da estratégia e da tática usadas nas guerras. Esse trabalho tem sido árduo mas gratificante, e entendemos que seja ele o caminho.

Temos, ainda, mantido a pesquisa histórica, promovendo concursos literários para oficiais, praças e civis, premiando as melhores obras e publicando-as.

Editamos três revistas quadrimestrais: *A Defesa Nacional*, fundada em 1913, a *Revista do Exército Brasileiro*, fundada em 1882, e a *Revista Militar de Ciência e Tecnologia*, fundada mais recentemente para atender as exigências do nosso tempo.

Através delas mantemos o intercâmbio do nosso Exército com os exércitos das nações amigas e com entidades civis, em particular com as universidades brasileiras. Outras publicações são editadas pelo Exér-

cito, mas não com esse perfil, entre elas a revista *Verde Oliva* e o *Noticiário do Exército*, que são ligadas diretamente ao Comandante do Exército e voltadas para a área de comunicação social da Força.

Quer como biblioteca de consulta, quer na qualidade de editora de obras selecionadas ou em todas as suas outras atividades culturais (premiações, exposições, cursos, conferências, intercâmbio, etc.), a Biblioteca do Exército permanece fiel aos propósitos de sua criação, traduzidos nos termos de sua finalidade institucional: *Contribuir para o provimento, a edição e a difusão de meios bibliográficos necessários ao desenvolvimento e aperfeiçoamento da cultura profissional-militar em geral*. Sem quaisquer restrições, a Biblioteca do Exército está aberta ao público civil desde a sua inauguração, em 1881.

*Matéria extraída de exposição apresentada na XV Conferência Ibero-americana de Editores Militares realizada em Tegucigalpa, Honduras, no ano 2002.*

## TRAVESSIA DOS FORTES

*Luiz Sérgio Melucci Salgueiro\**

O Centro de Estudos de Pessoal - CEP, também conhecido como Forte Duque de Caxias, no Leme, realizou, em 2002, uma segunda competição da maratona aquática denominada *Travessia dos Fortes*. A ambigüidade do nome escolhido para a prova não foi por acaso,

\* Coronel de Artilharia e Estado-Maior. Comandante do Centro de Estudos de Pessoal.

pois o percurso exige dos atletas muito treinamento, técnica e determinação, características dos *fortes*. O início e o término da competição são balizados pelo Forte de Copacabana, no Posto 6, e pelo Forte Duque de Caxias, na praia do Leme, no Rio de Janeiro.

Será que o sonho de realizar essa travessia, o esforço dos organizadores em divulgar o acervo histórico dessas duas tradicionais fortalezas, a busca de um fortalecimento das relações com a comunidade através do esporte, todo o trabalho prévio de preparação, segurança e controle foram compensadores?

Acreditamos que sim.

A prova de natação, inédita no bairro de Copacabana, compreende um trecho de 3800 m em mar aberto, com dificuldades variadas, desde a água gelada, passando por correntes submarinas, até a superação de receios e apreensões frente aos obstáculos a serem vencidos.

Em 2002, com mais de 2000 atletas inscritos, um recorde no Brasil, o evento repetiu o êxito de 2001, apesar dos dois adiamentos impostos pelas más condições de tempo. Estiveram presentes atletas de todas as idades e de ambos os sexos, desde nadadores com pouco mais de 16 anos até um grande número de sexagenários, alguns federados e outros apenas entusiastas da natação, todos competindo num clima de *sã camaradagem*. Praticamente todas as importantes agremiações, clubes e escolas de natação da cidade estiveram presentes na *Travessia dos Fortes 2002*. Os portadores de necessidades especiais deram uma particular demonstração de garra e entusiasmo, brindando-nos com uma grande lição de vida.

Os vencedores masculinos da prova, segundo a comissão de arbitragem, foram os atletas Luiz Lima e Rafael Animal Gonçalves, ambos do Clube de Regatas do Flamengo, enquanto que a atleta Natalia Yakovleva, russa naturalizada brasileira, campeoníssima na modalidade, conquistou o 1º lugar entre as mulheres.

A travessia, desde o ano passado, teve como objetivos reunir os melhores nadadores e nadadoras do Estado e do País numa data entre as comemorações da Semana do Soldado e da Semana da Pátria. A competição tem a pretensão de transformar-se num evento de cunho cultural, cívico e desportivo, chamando a atenção da população carioca para a prática de um esporte ainda pouco popular e, também, para a beleza das fortalezas históricas que guardam Copacabana. Como exemplo de empreendimentos similares e vitoriosos, podemos citar a *Meia Maratona do Rio* e a *Regata da Escola Naval*.

O CEP contou com a parceria da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos - CBDA - e da Federação Aquática do Rio de Janeiro - FARJ, que, juntas, trouxeram o patrocínio da Prefeitura do Rio de Janeiro e da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - EBCT, sem o qual os sonhos de realização de uma prova de tal envergadura não teriam sido possíveis. O apoio do Comando Militar do Leste, autorizando as ligações com Grandes Unidades e com todas as Organizações Militares da área, também foi imprescindível para o brilhantismo da competição. Assim sendo, pudemos contar com a equipe de salto livre da Bda Pqdt, com o apoio de saúde da Escola de Saúde do Exército - EsSEx, com a arbitragem da Escola de Educação

Física do Exército – EsEFEx, com os salvavidas do Grupamento Marítimo do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro, com exposições de material, banda de música, salva de artilharia e também com a ajuda de muitos outros colaboradores anônimos.

A infra-estrutura montada garantiu uma segurança perfeita para participantes e assistência. Com orgulho, podemos afirmar que, nas duas experiências práticas, nenhum incidente ou acidente foi registrado.

O objetivo inicial da *Travessia dos Fortes*, o de chamar atenção para os sítios históricos e para a belíssimas fortalezas que ornaram a praia de Copacabana, foi totalmente atingido; o número de visitantes ao Forte Duque de Caxias tem aumentado, consideravelmente, durante os fins de semana, principalmente para a caminhada ecológica até o alto da Pedra do Leme. As belíssimas paisagens, disponibilizadas pela mídia, automaticamente vêm divulgando mais uma das belezas naturais de nossa cidade, possibilitando que cariocas e estrangeiros entendam o esforço de nossos antepassados, em meados do século

XIX, para preservar e defender o porto e a cidade do Rio de Janeiro.

Com certeza, o casamento do turismo com eventos esportivos só traz vantagens. Com a maior divulgação da prova em anos futuros, com a participação de atletas de nível internacional, e com uma crescente participação de agremiações e do público em geral, certamente, os ganhos indiretos começarão a aparecer: criação de empregos, aumento de arrecadação de impostos, preservação do meio ambiente, valorização do patrimônio histórico e cultural. Ganhamos todos nós, militares e civis, atletas e técnicos, cidadãos e dirigentes. O sonho pode estar prestes a se tornar uma realidade. É, portanto, viável e oportuno difundir o evento e investir na *Travessia dos Fortes*.

Esperamos que, com a recente escolha do Rio de Janeiro, para sediar os Jogos Pan-Americanos de 2007 e com a real possibilidade desse tipo de prova ser incluído oficialmente no rol das competições, possamos, futuramente, trabalhar mais e melhor, sempre orientados pelo lema: *valorizando o homem, serve ao Exército e ao Brasil*.

## BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA — Coleção General Benício



### ***Cannæ e nossas Batalhas***

*H. O. Wiederspahn*

A obra compara a batalha Cannæ (206 a. C) com as de Tuiuti e de Avaí, objetivando evidenciar a aplicação de princípios fundamentais. Os ensaios que compõem o livro valem como estudos informativos e inteligentes de campanhas militares. Nele, os leitores encontrarão sínteses de batalhas e de doutrinas operacionais.